

ECONOMIA, POLÍTICA E RELIGIÃO: O DISCURSO SALVACIONISTA NA CULTURA POP JAPONESA

ECONOMY, POLITICS AND RELIGION: SALVATIONIST DISCOURSE IN JAPANESE POP CULTURE

João Kogawa¹
Dênis Rodrigues da Silva²

Resumo: Este artigo analisa o discurso salvacionista tomando como materialidade o *tokusatsu O Fantástico Jaspion*, lançado entre 1985 e 1986. O objetivo principal é descrever e interpretar o funcionamento do salvacionismo na relação interdiscursiva com os discursos econômico, político e religioso. O *corpus* é composto por sequências discursivas (SDs) transcritas das falas dos personagens a partir das quais se inserem os campos discursivos de referência (o econômico, o político e o religioso) que regulam a extração das SDs. Mundialmente conhecido e parte da memória cultural não só oriental como também ocidental, *Jaspion* é uma das tantas formas mitológicas que, pelo entroncamento do econômico, do político e do religioso, faz falar efeitos de sentido de resistência ao poder.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Interdiscurso; Mitologia; Salvacionismo; Tokusatsu.

Abstract: This paper analyzes the salvationist discourse taking as materiality the *tokusatsu MegaBeast Investigator Juspion*, launched between 1985 and 1986. The main objective is to describe and interpret the functioning of salvationism in the interdiscursive relationship with economic, political and religious discourses. The corpus is composed of discursive sequences (DSs) transcribed from the characters speeches from which the discursive fields of reference (economic, political and religious) that regulate the extraction of the DSs are inserted. World-renowned and part of the cultural memory not only of the East, but also of the West, *Juspion* is one of the many mythological forms that, through the intertwining of the economic, the political, and the religious, gives rise to effects of meaning of resistance to power.

Keywords: Discourse Analysis; Interdiscourse; Mythology; Salvationism; Tokusatsu.

1 Professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de São Paulo. kogawa@unifesp.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8285-9932>

2 Discente do curso de Letras – Português da Universidade Federal de São Paulo e bolsista PIBIC/CNPq. denis.silva@unifesp.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7965-4071>

1. Introdução

No início da década de 1990, o campo do entretenimento era bem mais limitado do que hoje. Não tínhamos *smartphones*, *tablets*, serviços de *streaming* como *Netflix*, *Amazon Prime*, *Globoplay*, entre outros. As opções de “tele divertimento” eram restritas aos programas de televisão. TV a cabo era para pouquíssimas pessoas – o serviço chegou ao Brasil em 1989 e já caminha para ser considerado “ultrapassado”, tamanha evolução das telas e seus modos de uso.

A consternação de algumas mães eram os “seriados japoneses de monstros”. “Desliga isso, meu filho! Isso é coisa do diabo! Isso aí só ensina besteira, violência, luta, terror”. Os jovens aficionados pelos *tokusatsu*³ se divertiam com as interdições de seus pais. O pano de fundo de tudo isso era, obviamente, a suposta alienação produzida pelos seriados. Era uma evidência que as representações mitificadas dos heróis japoneses criavam jovens alienados, desligados, ignorantes, descompromissados com os estudos – “para de assistir a esses filmes de monstro e vai estudar”. Com efeito, o problema a que este artigo pretende responder é: Os heróis japoneses popularizados no Brasil nos anos 1990 – especialmente, um dos mais famosos, *O Fantástico Jaspion* – eram, efetivamente, a antítese de uma formação crítica? Nossa hipótese é que, pela interdiscursividade entre os discursos político, religioso e econômico, *O Fantástico Jaspion* põe em funcionamento um discurso salvacionista que torna a série formativa no sentido ético e moral. De modo lúdico e com cenas de bastante ação, engendra-se a função normatizadora do mito que faz proliferar significações sobre bondade, justiça, coragem, resiliência, fé e salvação.

Neste artigo, examinamos – sob a ótica da Análise do Discurso de linha francesa em diálogo com a Semiologia barthesiana – esse discurso salvacionista a partir de falas contidas no seriado *O Fantástico Jaspion*, produzido pela *Toei Company* e lançado no Japão entre 1985 e 1986. A série está inserida na franquia *Metal Hero* (PAUCHANT & TÊTEDOIE, 2021), iniciada em 1982 e produzida até 1999 (FILHO, 2021).

A força mítica de *Jaspion* consiste não apenas na ação – as constantes batalhas em que o herói se embrenha –, mas em seu percurso formativo (a abstinência social em que se encontra), na prática diária da virtude (o enviado aos humanos para lhes defender e também lhes ensinar o caminho da luz, da verdade e da justiça) e em sua disciplina no cumprimento da profecia (uma espécie de Cristo moderno que se sacrifica pela humanidade).

2. A cultura japonesa e a emergência do *tokusatsu*: um breve percurso

De acordo com o dicionário *Jisho* (2012), *tokusatsu* é um termo abreviado para filmes que fazem largo uso de tecnologia e efeitos especiais. No Japão, em sentido *lato*, o termo engloba todas as produções que utilizam essa tecnologia e, de forma gradual,

3 Os nomes e termos em japonês aparecem romanizados conforme sistema de escrita Hepburn.

passou a ser vinculado popularmente às produções de seriados e/ou filmes de monstros, super-heróis, ficção científica e guerra (HIKAWA, 2014). Em linhas gerais, seriados desse tipo reproduzem uma lógica salvacionista, ou seja, um herói com forças sobre-humanas – inspirado e guiado por forças espirituais e por valores como a justiça, o fazer o bem, etc. – livra a humanidade da destruição ou da escravização.

A ascensão do *tokusatsu* ocorreu rapidamente no Japão durante a primeira Era de Ouro do cinema japonês, nas décadas de 1940 e 1950. Nesse período, houve uma fomentação em grande escala de criações pautadas em efeitos especiais, tendo como destaque a popularização dos filmes da produtora *Tôhō Co. Ltd.* Desempenharam um papel importante nessa época, por exemplo, as contribuições técnicas de Eiji Tsuburaya (1901–1970), conhecido no Japão como “deus dos efeitos especiais” (RYFLE & GODZISZEWSKI, 2017), que mais tarde trabalhou em *Godzilla*, de 1954, dirigido por Ishirô Honda.

A partir desse momento (pós-guerra), com o término da ocupação das potências aliadas (1952) e o início de um crescimento econômico no Japão, a indústria cinematográfica japonesa entrava na segunda Era de Ouro (YOMOTA, 2019). Em 1957, no quadro dessa grande fomentação cultural apoiada na criação mítica dos heróis com superpoderes, a produtora *Shin Tôhō* lançou *Super Giants*⁴, um modelo de super-herói que muitas outras produções – como *Ultraman*⁵ e *Kamen Rider*⁶ – seguiriam direta ou indiretamente.

Em abril de 1951, impulsionada pela segunda Era de Ouro, surge a *Toei*. A nova produtora desempenhou um papel fundamental na produção e distribuição do que ficou conhecido no mundo como *tokusatsu*. Em 1958, lançou o primeiro super-herói japonês adaptado para televisão, *Gekko Kamen*⁷. Nos anos 1980, foi responsável pela franquia *Metal Hero*. No total, foram dezessete séries diferentes ao longo de dezessete anos ininterruptos. Dentre elas, destacam-se *Space cop*⁸; *Sharivan, o guardião do espaço*⁹; *Policial espacial Shaider*¹⁰; *O Fantástico Jaspion*¹¹; *Jaspion 2 Spielvan*¹²; e *Metalder, o homem máquina*¹³.

4 Disponível em *Youtube Kaiju Movies*: <https://bit.ly/3jsA2Ft>. Acesso em 30/08/2021.

5 Disponível em *Youtube Tokusatsu Brasil*: <https://bit.ly/3gLG4z>. Acesso em 30/08/2021.

6 Disponível em *Youtube Tokusatsu*: <https://bit.ly/3jr6mIA>. Acesso em 30/08/2021.

7 Disponível em *Youtube Ernesto Barragán*: <https://bit.ly/3yr0QKf>. Acesso em 30/08/2021.

8 Disponível em *Youtube Toei Tokusatsu World Official*: <https://bit.ly/3zveIom>. Acesso em 30/08/2021.

9 Disponível em *Youtube Toei Tokusatsu World Official*: <https://bit.ly/3jswH9t>. Acesso em 30/08/2021.

10 Disponível em *Youtube CANL Desenhos*: <https://bit.ly/38rxSPU>. Acesso em 30/08/2021.

11 Disponível em *Youtube Tokusatsu*: <https://bit.ly/3ywLR1s>. Acesso em 30/08/2021.

12 Disponível em *Youtube Jaspion Forever*: <https://bit.ly/2YbepRN>. Acesso em 30/08/2021.

13 Disponível em *Youtube Charles Reliquiasold*: <https://bit.ly/3zt0Tqw>. Acesso em 30/08/2021.

As séries *Metal Hero* surgiram durante uma pausa em *Ultra* e *Kamen Rider* e trazem como mote um ideal de salvação atrelado à figura do policial/investigador/herói, seja terreno, seja galáctico. O funcionamento do discurso salvacionista mitificado nesses heróis de aço apoia-se no cumprimento da lei, na inequívocidade da justiça e no restabelecimento da ordem. *Jaspion* e todos os heróis da série *Metal Hero* propõem uma salvação que busca, no desenvolvimento tecnológico, o caminho para superar, dentre outras coisas, “o mal”, “demônios/satanás”, “bruxas” e “monstros”.

Em certa medida, o *tokusatsu* incorpora a atmosfera sócio-histórica do pós-guerra e contribui para a formação de um complexo jogo de crenças e valores apoiados em um cenário internacional marcado: (i) pela democracia liberal dos EUA; (ii) pela recuperação da economia e o consequente desenvolvimento tecnológico – “o milagre econômico japonês” (VALE, 1992); (iii) pelo valor liberal da “salvação” pela autossuperação; (iv) pelo nacionalismo. Essas narrativas fazem parte de um plano teórico que se desenvolve sob a singularidade cultural e social japonesa, o *nihonjinron* (SASAKI, 2011). De acordo com Igarashi (2011, p. 186),

O *Nihonjinron* faz reivindicações totalizantes que, de forma essencialista, apregoam a qualidade única da cultura japonesa, uma unicidade que torna possível distinguir os japoneses de todos os outros povos.

Longe de pretender esgotar os efeitos mitológicos do excepcionalismo japonês (PIRES, 2017), apenas mencionamos esses pontos porque a singularidade histórica do pós-guerra promove uma etnogênese no sistema sociocultural japonês, tal como definem obras de escritores, professores, jornalistas e políticos como Hakan Hedberg (1970), Ezra Vogel (1979) e Shintaro Ishihara (1987).

Essa organicidade – tida como a razão para o grande desenvolvimento dos japoneses sob a forma de uma tradição identificada com a disciplina, o senso de justiça, o desenvolvimento econômico e tecnológico – resiste ao tempo e impõe sua validade teórica principalmente no Brasil, onde reside a maior comunidade japonesa fora do Japão (ROSA, 2019) e também onde esses seriados circulam até hoje, reatualizando o mito salvacionista dos robôs. É por um conjunto complexo de condições e valores como autossuperação pela máquina, senso de justiça, manutenção da paz e da ordem e união que o *nihonjinron* faz funcionar efeitos de sentido de resiliência na determinação de um povo disciplinado, trabalhador, homogêneo e empenhado no desenvolvimento da ciência e da tecnologia.

A alta tecnologia e as máquinas cibernéticas foram amplamente mobilizadas no período pós-Segunda Guerra Mundial, desde o grande desenvolvimento computacional durante a Guerra Fria (ISHIHARA, 1989) até as leis da robótica. Diante dessa incorporação, distinções como natural e artificial, mente e corpo, carne e metal, gradativamente tornam-se imprecisas (HARAWAY, 2009). Com efeito, o potencial

humano torna-se de tal forma correlato do desenvolvimento tecnológico que a divisão entre homem e máquina fica ambígua. Parafraçando Orwell (2007, p. 112), “[...] já era impossível distinguir quem era homem, quem era máquina”.

3. Interdiscurso e intersecção do discurso salvacionista

Um objeto pode ser apreendido por diferentes perspectivas. Por essa razão, introduzimos a análise delimitando os aspectos teóricos fundamentais para a descrição/ interpretação do discurso salvacionista inscrito nas SDs extraídas de *O Fantástico Jaspion*. Uma primeira categorização pertinente deriva da distinção entre enunciado e formulação, “[...] uma espécie de legado deixado por Courtine” (MAGALHÃES & KOGAWA, 2019, p. 195). De acordo com as pistas deixadas pelo autor, “[...] se o enunciado tem um sujeito, a formulação é aquela de um ‘indivíduo’ ou de um ‘autor’” (COURTINE, 2009, p. 87). Isto é, o enunciado é um princípio regulador abstrato e formal submetido às regras do funcionamento discursivo e, como tal, só pode ser deduzido da formulação que lhe dá concretude, ou seja, das SDs que o trazem à existência. Mobilizaremos esses dois conceitos tal como em Kogawa & Knetsch (2019).

Para este artigo, trabalhamos com três estruturas de enunciado, uma para cada discurso do complexo interdiscursivo:

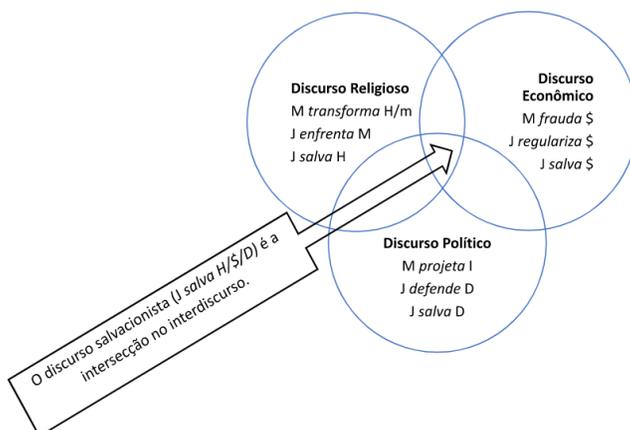


Figura 1: O discurso salvacionista como intersecção

Pela representação gráfica acima, os três discursos entrelaçados – o econômico, o político e o religioso – têm em comum um quarto, o discurso salvacionista, que os atravessa. Cada um desses discursos articulados com o salvacionista é formalizável, nas SDs extraídas de *O Fantástico Jaspion*, pela configuração de seus enunciados. Para o discurso religioso, o funcionamento pode ser descrito como: o Mal (M) transforma a Humanidade (H) ou os monstros (m) em algo maligno > Jaspion (J) enfrenta o Mal (M) > Jaspion (J) salva a

Humanidade (H). Para o discurso econômico, temos: o Mal (M) frauda o sistema econômico (\$) > Jaspion (J) regulariza o sistema econômico (\$) > Jaspion (J) salva o sistema econômico (\$). Por último, no discurso político, temos: o Mal (M) projeta a criação de um Império (I) > Jaspion (J) defende a democracia (D) > Jaspion (J) salva a democracia (D). É justamente o salvacionismo – que advém do campo religioso, mas não se restringe a ele – que inscreve a missão do herói galáctico no plano mítico.

O regramento imposto pelos três enunciados às formulações suscita o conceito de mito em Barthes. *Jaspion* desempenha um papel econômico, político e religioso no processo de salvação. Sua natureza, a um só tempo humana e sobre-humana, naturaliza o ideal liberal-democrático da justiça e da “luta contra o mal”. Mitificação e estrutura lógica do enunciado são as duas faces de uma mesma moeda e nos impõem sempre um conjunto complexo de dificuldades que implicam decisões a serem tomadas na montagem, descrição e interpretação do *corpus*. Conforme reconheceu o próprio Pêcheux (2018, p. 67), “[...] face ao mito o analista não dispõe de norma que permita definir o que pertence ou não ao *corpus* [...]”.

Para Barthes, o mito não é apenas conceito ou ideia, mas uma fala (formulação) atrelada a condições históricas: “[...] o discurso escrito, assim como a fotografia, o cinema, a reportagem, o esporte, os espetáculos, a publicidade, tudo isso pode servir de suporte à fala mítica” (BARTHES, 2001, p. 132). O mito heroico de *Jaspion* reside, dessa forma, na repetição e no compartilhamento de seus feitos enquanto signo da salvação da humanidade diante das instabilidades de ordem econômica, política e religiosa. A começar pelo enfrentamento dos monstros – em seu estado natural, eles não são bons nem maus –, a transformação desencadeada pela possessão demoníaca instaura o caos social, político e econômico em Tóquio e, por extensão, no universo. Uma formulação de referência, repetida em praticamente todos os episódios, materializa esse processo: “*Satan Goss* tem o poder de enfurecer os seres e transformá-los em monstros incontroláveis”.

Enfurecidos, os monstros lutam contra *Jaspion* em seu tamanho normal e, após derrotados, tornam-se criaturas gigantes pela intervenção luminosa de satanás. A série é a primeira da franquia a agigantar o robô e os monstros em seus episódios. Isso instaura o efeito de sentido de positividade da tecnologia, pois, o vocativo “*Daileon*” – reproduzido em quase todos os episódios – significa a simbiose entre o homem – pequeno e fraco diante do monstro agigantado – e o robô gigante (nave que se modifica transformando-se em *Daileon*). Produz-se aí, mais que em quaisquer outras cenas, um ideal mítico de superação pela máquina. A pequenez dá lugar à grandeza; a impotência, ao poder; a solidão, à companhia na batalha.

4. Discurso religioso e salvacionismo

O discurso religioso é um dos reguladores mais recorrentes em *Jaspion*. É daí, mais do que do econômico e do político, que vem a estrutura funcional do mito. *A priori*, salvar implica salvar da possessão, da interferência maligna, do descontrole de si mesmo, pois, a lógica de *Satan Goss* não é apenas perversa pela destruição do

sistema político ou da economia da cidade (derrubando prédios, árvores, indústrias e dizimando a natureza), mas também por tornar suas vítimas sem vontade própria, sem livre-arbítrio. Tanto no que diz respeito à corrupção dos instintos naturais dos monstros – eles tornam-se agressivos ou tem sua agressividade intensificada – quanto ao controle mental dos humanos, a possessão é uma despossessão na medida em que o controle do Mal implica a perda de controle da natureza ou da virtude. Essa regulação pode ser interpretada, como já apontamos na figura 1, a partir da lógica gerativa do seguinte enunciado: *Discurso Religioso* = M transforma H/m → J enfrenta M → J salva H.

No plano religioso, a lógica é de enfrentamento. Isso supõe estudo, estratégia e fê no contínuo. Essa permansividade acompanha, de modo mais discreto, mas ininterruptamente, o enredo da série. O tempo todo, o personagem se constitui como o enviado que cumpre a profecia. Esta, por sua vez, é ditada pelo profeta *Edin*, dono do planeta homônimo (o planeta Edin) em que *Jaspion* faz seu treinamento logo no primeiro episódio da série. Assim, os elementos religiosos que qualificam o mito a salvar a alma da humanidade aparecem justamente na lógica do enfrentamento do bem contra o mal. Algumas sequências discursivas¹⁴ dão a medida de como a possessão e a continuidade da luta contra o mal se apresentam nos diferentes episódios:

SD01. *Narrador*: *Satan Goss* tem o poder de enfiar os seres e transformá-los em monstros incontroláveis.

SD02. *Narrador*: [...] busca incansavelmente sonho e aventura em defesa da paz nas estrelas da Via Láctea.

SD03. Cérebro eletrônico *Sakura*: Os homens me construíram, mas um dia me abandonaram neste universo vazio. Cheguei nesse planeta... foi quando o grande salvador *Satan Goss* me deu vida novamente.

SD04. *Jaspion*: É o satanás. Seu objetivo é exterminar a Via Láctea. Ele exerce uma forte magia sobre os monstros.

SD05. *Jaspion*: O *Satan Goss* consegue transformar não só os monstros, mas também a alma dos homens em seres diabólicos.

SD06. *Narrador*: *Jaspion* descobrirá que *Satan Goss* deseja arruinar até a mais nobre alma humana [...].

SD07. *Narrador*: O Grande profeta *Edin* empenhava-se dia após dia na sua pesquisa para encontrar a maneira de desenterrar a parte da bíblia da Via Láctea da qual certamente haveriam citações sobre o demônio *Satan Goss*.

SD08. *Edin*: Pode ser uma manifestação de Deus. [...] É uma mensagem do nosso senhor para que continue lutando com esperança.

SD09. *Edin*: Você também está à procura do pássaro e isso certamente é vontade do Senhor Todo Poderoso. Como seus pais, você também foi escolhido pelo Senhor para ser um vencedor. O seu caminho a seguir é um só: encontrar o pássaro dourado e derrubar o *Satan Goss*.

14 A lista completa das SDs pode ser acessada pelo link: <https://bit.ly/2Zjv6ed>.

SD10. *Gilza*: A pessoa que usar esse talismã logo terá sua alma possuída pelo demônio. Penso distribuir talismãs como esse para as crianças.

SD11. *Edin*: Um guerreiro descerá do céu, pegará o pássaro dourado e derrotará o *Satan Goss*.

SD12. *Narrador*: A bíblia galáctica é conhecida como um livro de profecias escrito por Deus. A família de *Edin* vem há mais de cem mil anos protegendo e relatando o conteúdo dessa bíblia, mas há trinta mil anos o planeta deles foi atacado por um cometa e totalmente destruído.

SD13. *Edin*: Dizem que o *Satan Goss* nasceu da união das energias negativas existentes no universo. Pode-se dizer que ele é o deus diabólico da treva galáctica. Cada vez que ele aparece, destrói muitos planetas do universo. Por isso, até agora o aprisionamos com a energia positiva que é a força da luz.

As formulações acima instauram o efeito de sentido da possessão e, em contrapartida, o da despossessão do indivíduo sobre si mesmo. Esse movimento instaura a batalha espiritual como ponto de partida para a instauração do mal. O Mal vence quando toma conta da alma do indivíduo, seja ele monstro ou humano. É por isso que, em todos os episódios, o gatilho é a transformação da alma de um ser vivo (humano ou monstro). Os efeitos físicos e materiais da obra de *Satan Goss* são secundários e intrinsecamente vinculados ao sucesso da possessão inicial.

O efeito de sentido de perda do livre-arbítrio, no caso dos humanos, e de subversão da natureza, no caso dos monstros, materializa-se em certos verbos como *transformar*, *exercer*, *arruinar* ou em construções sintáticas como a passivização encontrada em *terá sua alma possuída pelo demônio*. Para todo ser vivo considerado, há uma ação programada do Mal no sentido de transformar, exercer influência por magia, arruinar e possuir.

Deriva daí, um efeito de sentido de paz, normalidade e pureza originais. Na ordem do subentendido, a humanidade e a natureza “vivem em paz”, “em harmonia”, “em ordem”. Estudar, planejar e enfrentar o Mal identifica-se, portanto, com manter, conservar e proteger um estado de coisas desejável. Vemos aí certo idealismo humanista quanto à condição humana na medida em que fica subentendido que, não fosse a ação sobrenatural constante do Mal, haveria paz e justiça. A maldade existe, portanto, na externalidade, como o não essencial. A alma do ser humano é boa, mas *Satan Goss* a corrompe.

Esse cenário de batalha espiritual não é pontual. Ao longo dos episódios, extraímos SDs que apresentam uma regularidade quanto ao aspecto permansivo da batalha espiritual. Termos ou expressões como *busca incansavelmente*, *um dia*, *dia após dia*, *continue lutando*, *caminho a seguir*, *descerá do céu*, *há mais de cem mil anos*, *há trinta mil anos*, *nasceu da união das energias negativas* e *cada vez que ele aparece*, garantem esse efeito de sentido. Enquanto as batalhas propriamente ditas são travadas no plano terreno em função da interferência do Mal na política ou na economia locais, o agenciamento prévio do plano espiritual imprime uma dinâmica mais distensa na estrutura mítica.

Pelas expressões e termos mencionados acima, a longa duração da batalha espiritual inscreve-se materialmente em três eixos complementares, a saber: (i) a constância da luta cotidiana (*busca incansavelmente*, *dia após dia*, *continue lutando*); (ii) a origem

longínqua e a aparição periódica do Mal (*cada vez que ele aparece, nasceu da união das energias negativas*); (iii) a profecia e a longa duração da preservação dos símbolos da fé (*um dia, descerá do céu, há mais de cem mil anos, há trinta mil anos, caminho a seguir*). Em relação a este último eixo, cumpre observar que a profecia é a condição mesma da onipresença do Mal. É ela quem arregimenta os símbolos da fé tais como *a Bíblia Galáctica, o pássaro dourado, o guerreiro indicado pela luz*. Edin é o profeta que guarda todos esses ensinamentos e os transmite a *Jaspion* para que este se oriente em sua missão. *Jaspion*, alienígena de forma humana encontrado no planeta de *Edin*, é nomeado por ele para cumprir a missão de defender a paz na Terra. Inerte e despossuído de vontade própria, o mito assume um compromisso com os humanos e seus recursos são postos à disposição do triunfo da humanidade. A tecnologia altamente desenvolvida desloca o *cyborg* para além das fronteiras lógicas delimitadas para organizar a existência em sociedade. Isso sintetiza o ideal salvacionista no funcionamento religioso: o herói desprovido de livre-arbítrio garante o livre-arbítrio de seus protegidos. *Jaspion* é o resultado do encontro entre o divino e o cibernético: “Talvez seja este o recado que nos trazem, anjos e *cyborgs*: o de aprender a pensar contra as fronteiras” (TUCHERMAN, 2002, p. 57).

5. Discurso político e salvacionismo

No plano político, a lógica não é a do enfrentamento – como vimos acima na análise do discurso religioso – mas a da defesa. A intervenção é marcada pela iteratividade e pela pontualidade das cenas de ação que configuram as batalhas. O imperialismo é uma proposta, um projeto do Mal, mas não uma realidade instaurada. O salvacionismo, do ponto de vista político, é, portanto, a defesa da democracia contra a tentativa de instauração do imperialismo (Império dos Monstros). Essa regulação pode ser interpretada a partir da lógica gerativa do seguinte enunciado: *Discurso Político = M projeta I → J defende D → J salva D*.

O domínio de *Satan Goss* sobre os seres tem uma finalidade, a saber, instaurar o Império dos Monstros. Os sentidos atinentes a essa lógica inscrevem-se no plano do político. O percurso do Mal consiste, portanto, na ação construtiva de um modelo de governo imperialista em cujo comando estaria *Satan Goss* e seu séquito. Esse modelo de governo teria como base o trabalho escravo dos humanos.

Em uma leitura mais “linguística”, o termo “imperialismo” derivaria da palavra “império”. Com essa conotação, a palavra designaria organizações sociais desde a Antiguidade mais remota. Podemos citar, a título de ilustração, o caso do Império Romano, dominante na cena europeia mais ou menos por volta de 27 a.C. a 395 d.C. (LICHTHEIM, 1971). No entanto, o termo propriamente dito emergiu no século XIX e é frequentemente utilizado para nomear a expansão ocidental mediante as invasões na África, por volta da década de 1880.

Lênin sustentava que o imperialismo era o resultado inevitável do capitalismo em seu estágio de monopólio. À medida que a indústria elevava a produção de bens a um ponto

em que os mercados domésticos não podiam mais absorvê-los, a competição era substituída por monopólios e cartéis, que serviam para manter as margens de lucro nos mercados protegidos (BAQUEIRO, 2020). Dessa forma, os cartéis passaram por um longo período de desenvolvimento até que, em 1903, “[...] tornam-se uma das bases de toda a vida econômica. O capitalismo transformou-se em imperialismo.” (LÊNIN, 2011, p. 127)

De uma perspectiva diferente da teoria proposta pela escola socialista, Schumpeter (1961) definiu, após a Primeira Guerra Mundial, o imperialismo como sendo “[...] a disposição sem objetivo, da parte de um Estado, de expandir-se ilimitadamente pela força” (SCHUMPETER, 1961, p. 26). Para o economista austríaco, o imperialismo não era uma manifestação primordial da esfera econômica, mas da esfera política, pois, os valores nos quais o capitalismo se apoia não implicam necessariamente, em si mesmos, a guerra. O imperialismo, portanto, não seria uma etapa superior do capitalismo, mas a consequência inevitável das ambições políticas em primeiro lugar: “Um mundo puramente capitalista não pode, portanto, oferecer solo fértil aos impulsos imperialistas” (SCHUMPETER, 1961, p. 91).

A presença do imperialismo na sociedade tem caráter atávico e independente da estrutura econômico-social vigente. Antes do capitalismo, houve impérios. Essa concepção permite-nos refletir sobre o modo de organização do imperialismo no discurso político organizado em *Jaspion*, pois, independentemente da finalidade ou dos interesses concretos dos integrantes do Império dos Monstros – e vale destacar que o interesse de *Satan Goss* não passa pelo econômico – o fim objetivado é a violência, o terror e o poder pura e simplesmente. Afinal, monstros não precisam de carros, casas suntuosas e conta bancária, embora valham-se da ambição humana como fonte de suas artimanhas.

O imperialismo projetado por *Satan Goss* e seu filho *MacGaren* cabe bem na definição schumpeteriana, pois, é tão somente uma prática expansionista não orientada para uma finalidade específica. A razão de ser do Império dos Monstros é a aniquilação contínua dos humanos. O domínio é uma causa sem efeito desvinculada de necessidades econômicas. O percurso do mito, no plano político, é o da defesa contra esse projeto, ou seja, a defesa da democracia no quadro do anti-imperialismo. Se cabe ao Mal tramar a favor do Império, cabe ao mito (*Jaspion*) defender um estado de coisas. As seqüências discursivas¹⁵ extraídas a seguir materializam esse funcionamento:

SD14. Cérebro eletrônico Sakura: Construirei o império das máquinas e me vingarei um dia de toda humanidade.

SD15. *Narrador*: Jaspion partiu para a aventura em sua missão de defender a paz no universo da Via Láctea.

SD16. *Jaspion*: Eu prometo que esse planeta não será dominado.

SD17. *MacGaren*: Este planeta chamado Terra é considerado como um dos mais belos da Via Láctea. Meu objetivo é destruí-lo e com ele toda cultura até o fundo da alma dos

15 A lista completa das SDs pode ser acessada pelo link: <https://bit.ly/2Zjv6ed>.

homens que nele habitam. (...) É o planeta mais adequado para erguer o grande Império dos Monstros da Via Láctea.

SD18. *MacGaren*: Os humanos são seres racionais, mas eles se destroem uns aos outros, em breve esses desmiolados acabarão com a Via Láctea. Para evitar essa tragédia é necessário construir um reino, o Império dos Monstros.

SD19. *Anri*: Todos eles foram sequestrados. Escritores, professores, funcionárias, todos.

SD20. *MacGaren*: Veja! Aqueles lá serão os homens do futuro. Os terráqueos mataram os monstros e extinguíram seu império. Agora vocês vão se tornar escravos dos monstros!

SD21. *Narrador*: *MacGaren* estava planejando um acontecimento horrível. Para recuperar o Império dos Monstros ele fazia experimentos destruindo a memória e o raciocínio dos seres humanos transformando-os em seres primitivos.

SD22. *Jaspion*: Você quer destruir nossa civilização, mas não deixarei que faça isso, Satan Goss.

SD23. *MacGaren*: O nosso objetivo é construir aqui na Terra o Império dos Monstros e para isso temos que criar muitos monstros.

SD24. *MacGaren*: As crianças poderão servir de alimento aos monstros ou podemos aproveitá-las como escravas.

SD25. *MacGaren*: A sua teoria sobre a forma de não prejudicar a atmosfera da Terra é realmente muito boa, seria o perfeito Império dos Monstros.

SD26. *Satan Goss*: Também temos o direito de viver nesse planeta maravilhoso, no Império dos Monstros, onde todos os monstros viverão tranquilamente. *MacGaren*: Vejo que o senhor pretende escrever nesse planeta a história dos seres mutantes... *Satan Goss*: Falta só mais um pouco para realizar este meu grande sonho. Entrego minha vida na realização desse sonho. *MacGaren*: é um lindo sonho. *Satan Goss*: vou transformar este planeta numa selva e destruir pela raiz a civilização da sociedade humana.

Do conjunto acima, é possível desdobrar três pilares do discurso político em *Jaspion*. O primeiro é a lógica da construção; o segundo, a lógica dos meios; o terceiro, a lógica da defesa.

Com relação à lógica da construção, não há projeto que não implique uma implosão ou alteração de um estado de coisas. Não há produção sem algum tipo de mudança e, no caso do imperialismo, de destruição. As SDs 14, 17, 18, 21, 23 e 26 materializam, por meio da recorrência do verbo *construir* e de correlatos como *destruir*, *erguer*, *planejar*, *criar*, *realizar*, *transformar*, uma aspiração futura. A política de *Satan Goss* não é, apesar da desestabilidade que suas ações promovem, uma realidade, mas um desejo, um *sonho*. Por vezes, esse sonho é injustificado e fruto da pura antipatia pelos humanos. Em outros momentos, contudo, observamos uma justificativa plausível para a destruição dos humanos pelos monstros. Essa ideia pode ser parafraseada da seguinte forma: *Os humanos destroem o planeta e a si mesmos, portanto, não merecem a vida que levam. É nesse sentido que entendemos formulações como os humanos destroem uns aos outros; esses desmiolados acabarão com a Via Láctea* (SD18).

Essa postura autodestrutiva dos humanos, em alguns momentos, teria sido a causa, em um passado remoto, da destruição dos monstros que viviam sobre a Terra: *Os terráqueos mataram os monstros e extinguiram seu império* (SD20). Isto é, nesse plano de justificativa para o Império dos Monstros, os homens é que seriam os verdadeiros monstros e donos imerecidos do planeta em que vivem. Há aí a mobilização de uma série de qualidades positivas nos monstros que dariam a eles o direito de possuir a Terra: *Também temos o direito de viver nesse país maravilhoso* (SD26).

Esse projeto é reiterado a cada episódio e, em linhas gerais, há uma lógica dos meios que se impõe para sua concretização. De modo geral, a construção do Império só é possível via escravização, sequestro e destruição da ciência e da cultura dos humanos. A estrutura interna de alguns episódios evidencia uma valorização inequívoca da ciência, dos professores, das universidades e dos jovens como meio para destruir o planeta ou para mantê-lo; tratam-se de objetos desejados pelo Mal para que a desordem se estabeleça. Em contrapartida, a defesa da democracia passa também pela conservação desses mesmos objetos. No episódio 16, por exemplo, para executar um de seus planos, o filho de *Satan Goss* e seu séquito sequestram *Escritores, professores, funcionárias, todos* (SD19). Em outro episódio, as crianças podem ser combustível para os monstros (alimento) ou escravas. Enfim, a finalidade do Império leva à escravização/destruição da humanidade e isso se dá via destruição de sua juventude e de sua cultura. Em outros termos, no plano cultural, os pilares da democracia estão assentados na formação das crianças e jovens pela ciência, pela tecnologia, pelos intelectuais e professores.

É nesse sentido que funciona o papel do mito no plano político. Defender a Terra e, por extensão, salvar a democracia, é defender as instituições culturais e a integridade moral dos humanos, livrando-os da influência maléfica de *Satan Goss*. É isso que se materializa nas SDs 15, 16 e 22. Em especial nesta última, ressalta-se justamente a ideia de civilização, isto é, não apenas a natureza ou os recursos naturais, mas também a cultura humana, seu sistema político-econômico: *Jaspion: Você quer destruir nossa civilização, mas não deixarei que faça isso, Satan Goss*. No âmbito do discurso político, portanto, o discurso salvacionista é a manutenção da democracia. O que *Jaspion* salva concretamente é o direito à liberdade de ir e vir, de traçar planos, de estudar, de trabalhar, de comprar e vender, de ter uma família, filhos, etc. A vida democrática é o objeto e o objetivo do percurso heroico.

6. Discurso econômico e salvacionismo

No plano econômico, a lógica é a da legalização. O Mal age por meio da fraude, seja em operações no sistema financeiro (como clonagem de cartões e roubo de dados bancários), seja pervertendo o caráter por meio de vícios atinentes aos anseios econômicos dos seres humanos (egoísmo, ganância, etc.). Na contramão disso, o mito age para legalizar o irregular; para devolver a saúde ao sistema financeiro. O salvacionismo, no discurso econômico, instaura o efeito de sentido da legalização.

Importante ressaltar que o econômico, pelo próprio funcionamento do interdiscurso, não está desvinculado do político nem do religioso. O projeto de império de *Satan Goss* baseia-se em um sistema escravista imposto pela força ou pela despossessão da vontade própria dos humanos. Tomemos algumas SDs¹⁶ para demonstrar esse funcionamento pela legalização:

SD28. *MacGaren*: Nós vamos destruir a tecnologia que os homens desenvolveram e iremos construir o Império dos Monstros. Para isso fiz com que vocês renegassem a ciência.

SD29. *Senhor da aldeia*: Peço-lhe por favor. Nós iremos trabalhar bastante! Bastante! (*peessoas escravizadas por MacGaren trabalhando*).

SD30. *Narrador*: *MacGaren*, usando um computador idêntico ao do banco, faz uma ligação em sistema online e manipula as contas dos jovens como bem entende. Descobrimo os códigos, começa a falsificar os cartões dos clientes.

SD31. *MacGaren*: Não há quem não abaixe a cabeça diante do dinheiro. Devastem os corações dos jovens, acabem com a solidariedade, subornem todos e aumentem o comando de ataque de Mazeran!

SD32. *MacGaren*: Quem trabalhar terá dinheiro, quem não serve ficará assim, esse é o sistema da companhia Mazeran. O mundo do comércio assemelha-se a uma selva. Os fracos serão destruídos; serão devorados pelos fortes. No começo é dispensável o coração e também a moral. O mundo é dinheiro! Dinheiro é tudo! Abandonem os sentimentos e tornem-se irracionais. Transformem o arquipélago japonês em selva. Na selva dos animais. Irracionais! Irracionais!

SD33. *MacGaren*: Foi um bom trabalho. Realmente vocês se tornaram escravos do dinheiro. Agora são animais.

SD34. *Kilmaza*: Os terráqueos, quando conseguem uma fortuna, perdem a vontade de trabalhar. Espiritualmente, corrompem-se. É o meio mais rápido para acabar com este país.

A SD28 guarda profunda relação com a lógica dos meios apontada como um dos pilares do funcionamento do discurso político. No entanto, aqui, pelo contexto geral do episódio, destruir a tecnologia está mais enfaticamente atrelado a gerar prejuízos. Renegar a ciência, aqui, equivale a caos econômico e não a fragilidade política. Trata-se de uma relação de ênfase, não de exclusão.

No discurso econômico, há um paradoxo. Por um lado, o Mal intensifica os apetites por dinheiro e fraudo o sistema. Por outro, emergem excessos típicos do próprio sistema capitalista. A instância econômica, efetivamente, é aquela em que temos menor estranhamento quanto aos procedimentos do Mal. A criatividade que sobra nos planos político e religioso, é mais discreta no econômico. Deriva daí um efeito de sentido de positivação da fantasmagoria nos planos político e religioso – “dominar o mundo” e “possessão da alma” –, onde tem lugar e é bem-vinda. Esse mesmo efeito é dissolvido na economia, onde não há muito o que inventar:

16 A lista completa das SDs pode ser acessada pelo link: <https://bit.ly/2Zjv6ed>.

trabalho, ganho, lucro, sistema bancário, moeda, trocas, comércio, enfim, os elementos cotidianos da economia são aqueles que movem, também, no plano de *O Fantástico Jaspion*, os personagens e as ações. Isto é, sejam monstros, sejam humanos, todos reconhecem nas leis de mercado um certo lugar-comum.

Algumas SDs levam-nos a fazer questões curiosas no plano econômico: por que um líder do Império dos Monstros, para impor a dominação do mundo, precisa clonar cartões de crédito (*Descobrimos os códigos, começa a falsificar os cartões dos clientes*)? Por que um Império de Monstros devoradores precisa de trabalho escravo? (*Senhor da aldeia: Peço-lhe por favor. Nós iremos trabalhar bastante! Bastante! (pessoas escravizadas por MacGaren trabalhando)*). Trabalhar para produzir o que para quê? Nada do que os humanos produzem, em si, serve para uso dos monstros.

É aí que o discurso econômico cumpre um papel fundamental na “função pedagógica” do seriado. Enquanto há uma espécie de pedagogia moral no político e no religioso – ser bom, ser justo e ser democrático como condições desejáveis e positivadas –, no plano econômico reside toda a estrutura para que isso se consolide. Trabalhar, mas não movido por ganância; ganhar dinheiro, mas não pela fraude; ser patrão, mas sem aniquilar os trabalhadores; ser muito rico, mas não se acomodar e deixar de trabalhar apoiado na fortuna adquirida (*Kilmaza: Os terráqueos quando conseguem uma fortuna perdem a vontade de trabalhar, espiritualmente corrompem-se*). É pelo equilíbrio financeiro que se mantém o bom funcionamento da estrutura político-religiosa. Eis a síntese disso na fala de MacGaren: *Não há quem não abaixe a cabeça diante do dinheiro. Devastem os corações dos jovens, acabem com a solidariedade, subornem todos e aumentem o comando de ataque de Mazeran!*

O salvacionismo do mito no discurso econômico é, portanto, o de regularizar, de fazer voltar à normalidade o sistema financeiro. Nada de escravidão, fraudes no cartão de crédito, ganância e ociosidade. A intervenção salvadora do herói restaura a solidariedade, a honestidade das transações financeiras e a justiça das trocas no comércio, na contramão do cenário pretendido pelo filho de *Satan Goss* tal como se materializa na SD32. O capital, embora não seja presumido como isento de fraudes, excessos e desonestidade, não tem que se conformar à selvageria ou à destruição dos fracos pelos fortes. O mito jaspiano é também a crença em uma economia de mercado menos discrepante, menos cruel e mais humana. O mundo do comércio não precisa ser necessariamente uma selva.

7. Considerações finais

Este artigo procurou desconstruir um senso comum mais ou menos aceito segundo o qual “seriado de japonês” é “coisa de alienado” ou “puro entretenimento”. No que concerne ao *tokusatsu O Fantástico Jaspion*, concluímos que, longe de ser despolitizado ou puro entretenimento, seus episódios são marcados pelas condições de produção atinentes à expansão econômica nacional japonesa, ao pós-guerra e ao desenvolvimento tecnológico daí resultante.

A série produz sentidos, do ponto de vista discursivo, pela relação interdiscursiva entre os discursos econômico, religioso e político. No encontro desses três, está a intersecção do discurso salvacionista – o elo entre eles. O mito de Jaspion é a síntese de um ideal de progresso apoiado na preservação de três pilares: o bem (religiosidade), a liberdade (política) e a legalidade (econômica). Tais pilares firmam-se face às ameaças do mal, da escravidão e da fraude.

Pela intersecção dos discursos político, econômico e religioso, mapeamos uma cadência lúdica e formativa que faz emergirem efeitos de sentido ético-morais amplamente veiculados em nossa formação cultural nos anos 1990 e que circulam até hoje, reatualizando e reinserindo seu complexo jogo de crenças e valores. Dessa forma, *Jaspion*, alicerçado na busca pela paz sob a égide de uma economia tecnológica, mitifica um ideal de salvação materialista centrado na manutenção das instituições humanas. Nesse enredo, combater o Mal coincide com a luta pela preservação das instituições democráticas.

Referências bibliográficas

- BAQUEIRO, Vitor. Protecionismo econômico: quem, de fato, ele protege? **InfoMoney**. 8 de jul. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3hZCcew>>. Acesso em 11/04/2021.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Tradução de Rita Bueongermine e Pedro de Souza. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- COURTINE, Jean Jacques. **Análise do Discurso Político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. Tradução de bras. Christina de Campos Velho Birck *et al.* São Carlos: Edufscar, 2009.
- FILHO, César. Metal hero: TV Asahi não está negociando volta de franquia para 2022 (AT). **Jbox**, 17 mar. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3nWYdhX>>. Acesso em 30/04/2021.
- HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. *In*: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia do Ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Tradução Tomaz Tadeu. 2 ed. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2009.
- HEDBERG, Hakan. **O Desafio Japonês**. 2 ed. Trad. Jaime Bernardes da Silva. Rio de Janeiro: Lia, Editor S. A., 1970.
- HIKAWA, Ryūsuke. Kaijū tokusatsu eiga, kūsō-ryoku to dokuji no kufū no kiseki. **Nippon**, 24 jun. 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/3zzC5fH>>. Acesso em 17/02/2021.
- IGARASHI, Yoshikuni. **Corpos da memória**: narrativas do pós-guerra na cultura japonesa (1945-1970). Tradução de Marco Souza e Marcela Canizo. 1 ed. São Paulo: Annablume, 2011.
- KOGAWA, J.; KNETSCH, P. B. Por uma análise do discurso “revolucionário” em pichações. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 61, pp. 1–17, 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/3kAtF3k>>. Acesso em 15/09/2021.
- LÊNIN, Vladimir Ilitch. **O imperialismo**: etapa superior do capitalismo. Apresentação: Plínio de Arruda Sampaio Junior. Ed. Eletrônica (e-book). Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2011.

- LICHTHEIM, George. **Imperialism**. United States of America: Praeger Publishers, 1971.
- MAGALHÃES, Anderson S. & KOGAWA, João. **Pensadores da Análise do Discurso: uma introdução**. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2019.
- ORWELL, George. **A revolução dos bichos**. Tradução de Heitor Aquino Ferreira. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- PAUCHANT, Guillaume; TÊTEDOIE, Elliot. Le Tokusatsu: glossaire d'un genre (très) Populaire. **Journal du japon**, 19 jan. 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3EUSMu>>. Acesso em 17/02/2021.
- PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução de Bethania Mariani et al. 1 reimpressão. Campinas: Unicamp, 2018, pp. 59-158.
- PIRES, Ricardo. O nihonjinron e o mito do excepcionalismo japonês (1950-1980). In: **Anais do VIII Congresso Internacional de História**. Maringá: Editora da UEM, 2017. pp. 1673-1681.
- ROSA, Maria. 6 países com a maior comunidade japonesa fora do Japão. **Mundo-nipo**, 2018. Disponível em:<<https://bit.ly/3CIWqRN>>. Acesso em 08/09/2021.
- RYFLE, Steve; GODZISZEWSKI, Ed. **Ishiro Honda: a life in film, from Godzilla to Kurosawa**. Middletown, Connecticut: Wesleyan University Press, 2017.
- SASAKI, E. M. Nihonjinron - teorias da japonicidade. **Estudos Japoneses**, [S. l.], n. 31, p. 11-25, 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/3lQxssI>>. Acesso em 22/02/2021.
- SCHUMPETER, J.A. **Imperialismo e classes sociais**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1961.
- TOKUSATSU. In: JISHO, Japanese-English dictionary. [S. l.], 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/3i0BxJQ>>. Acesso em 17/02/2021.
- TUCHERMAN, Ieda. Entre anjos e cyborgs. **Revista Comunicação e Linguagens**, vol. 28, Lisboa, v. 1, n. 1, p. 55-69, 2002. Disponível em:<<https://bit.ly/3kxtC8h>>. Acesso em 20/06/2021.
- VALE, G. M. V. Japão - Milagre Econômico e Sacrifício Social. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 32, n. 2, abr-jun, pp. 44-57, 1992.
- YOMOTA, Inuhiko. **What is Japanese cinema? a history**. Translated by Philip Kaffen. Columbia University Press: New York, 2019.

*Recebido em 23 de setembro de 2021
Aprovado em 28 de junho de 2022*